

# “Vocês são uns loucos”:

## o perigo dos que julgam sem saber ou crônica de uma tarde de estudos

Por prof. Henrique Vailati Neto, diretor do Colégio FAAP.

Um sol de dourado intenso enriquecia a tarde, tornando ainda mais grandiosa a fachada da FAAP, quando o grande ônibus abriu sua enorme porta para que os mais de 30 alunos do Colégio FAAP fossem, ruidosamente, ocupando os seus lugares com a alegria dos libertados.

Conforme fazíamos a verificação dos alunos, um colega que por nós passava proferiu a frase-título: “Vocês são uns loucos de saírem com essa turma!”.

O destino era o Centro Cultural do Banco do Brasil, onde visitaríamos a exposição sobre Maurits Cornelis Escher, arquiteto, gravurista holandês e, sobretudo, **gênio artístico** que brincou com a perspectiva e que, em sete décadas do século passado, deslumbrou o mundo com uma criatividade geometricamente libertária, bebendo nos mosaicos árabes de Alhambra, e indo muito além de seu século, como o deslumbramento dos visitantes demonstra num tempo em que os malabarismos computacionais não conseguem esmaecer o brilho de um cérebro imbatível.

O local, encravado no centro velho de São Paulo, trouxe para os nossos alunos as surpresas do desbravamento, já que poucos o conheciam: os antigos prédios, com sua dignidade aviltada pela falta de respeito urbano, parecia que os espreitavam. Com o sorriso sábio dos velhos, o andar desconfiado dos jovens que, sentindo sob os pés

a degradação, percebiam um mundo diferente do granito polido e do bem-vestir dos *shoppings*: homens comprando ouro e anunciando empregos, lojas com a inexistência de vitrines oferecendo produtos de cores fora do “bom padrão”, cheiros de comidas de temperos mais agressivos compunham o quadro de uma cidade estranha e grandiosa, mas na qual, surpreendentemente, falava-se a mesma língua pelas ruas tortuosas que, durante séculos, foram o coração vital do País. Alguns comentários esparsos, poucos dados históricos e a constatação dos mesmos, como velhas cicatrizes de um guerreiro, foram o bastante para que o grupo se interessasse por um retorno em que se estudasse a origem de São Paulo *in loco*.

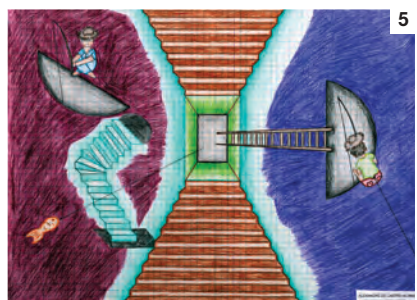
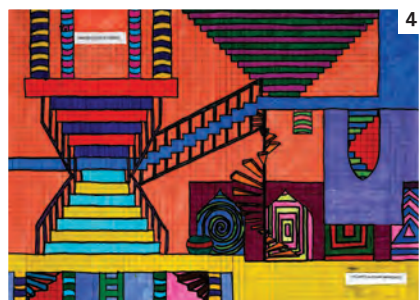
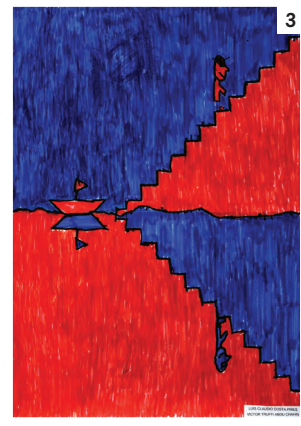
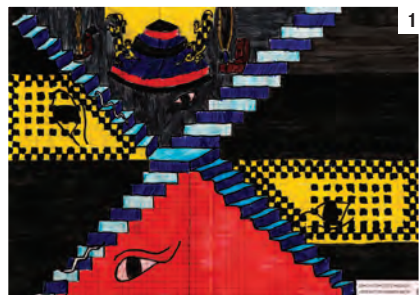
O grupo prosseguia mais unido e silencioso do que de costume, como que buscando uma leitura própria daquele espaço anunciado como de algum risco e, por que não, arriscando alguns comentários prematuros, mas cabíveis sobre o que iriam ver, mas que já haviam estudado pela orientação dos professores que, cerrando fileiras com os alunos, tentavam se convencer de que a agourenta frase do colega na partida não teria qualquer fundamento: era visível, nas quase infantis faces, a busca em suas memórias pelas informações sobre o que veriam para fazê-las valer ante os professores.

Entra-se pela torta rua Direita, avançam-se mais alguns metros e eis que os professores apontam para um lindo edifício em estilo clássico que, demonstrando o que o dinheiro pode fazer pela cultura quando bem utilizado, revive o melhor da riqueza daquele pedaço nobre e decadente da cidade: uma obra de excelente restauro e conservação, motivo de orgulho para os contribuintes, abriga em seus vários pavimentos, muito mais do que acervos valiosos, recebe tratamentos didáticos oferecidos por pessoal preparado nos melhores padrões museológicos do mundo: o Centro Cultural do Banco do Brasil.

Se a caminhada até a exposição de Escher já havia sido um passeio de civilidade e gentileza do grupo, o visitar atento às dezenas de obras, instalações e audiovisuais, foi uma sequência de confirmações do trabalho bem conduzido dos professores e, neste caso, da professora Vera Lucia Mendonça Africani, que preparou com cuidado as pesquisas que precederam a visita e que serão coroadas por trabalho final. Comentários acertados e maduros entremeados pela jovialidade e bom humor, observações pertinentes e críticas; o respeito na medida certa e a admiração espontânea foram dando àquela tarde de junho um sabor inigualável de vitória, foi surpreendendo e desarmando este diretor que acompanhara o grupo para “dar peso ao cuidado” do mesmo e que, gostosamente, se

viu envolvido num clima moleque de trabalho sério; viu-se, orgulhosamente, guiado pelos seus juvenis companheiros que, conhecedores do que viam, auxiliavam seus velhos olhos a vislumbrarem detalhes, a perceberem as inúmeras fantasias que Escher perpetrou para nos extasiar; vitória por sempre acreditar que nossos jovens, quando bem estimulados, demonstram **interesse pelo que é bom**, transformam em prazer o que entendem e validam nossas crenças na educação. A visita aos vários andares povoados pelas obras de Escher, e por inteligentes montagens sobre o seu trabalho, foi uma aventura dos sentidos e do cérebro na decifração deslumbrada de escadas que **sobem descendo a um só tempo**, de **cascatas** cujas águas **desafiam a gravidade** e de **figuras que brotam de outras** e se esvaem numa mutação mágica, mas foi, como tudo o que é bem compartilhado, uma experiência humana ímpar de troca que multiplica.

Finalizo esta breve crônica de uma tarde de estudos, como muitas já tivemos e teremos, lembrando ao nosso “comentarista título” que loucura é se viver sem a experiência de ousar a apresentar nossos jovens ao que é bom, sem correr o “risco do deslumbramento”, e poder, ao final de um passeio, honestamente agradecer aos seus alunos pelo prazer da companhia e honra de poder compartilhar sua juventude.



## Trabalhos dos alunos do Colégio FAAP

- 1 João Victor Leite Velucci  
José Victor Corrêa Nieto  
Rodrigo Shimada Brocaneli
- 2 Gabriela Borges de Paiva  
Luiz Collaço Kechichian
- 3 Luis Claudio Costa Pires  
Victor Truffi Abou Chahin
- 4 Felipe Calegari Marques  
Isabella Vioti Bonini
- 5 Alexandre de Castro Alonso  
Luiza Vitoria Spreafico
- 6 Isabel Ocana Traldi  
Thierre Giustino Mariano  
Victoria Carvalho de Andrade
- 7 Marco Antonio Blanco Vidotti  
João de Sá Brandão